

Rússia mata 17 pessoas no maior ataque do ano contra a Ucrânia

Ao menos 100 pessoas ficaram feridas; violência no conflito europeu aumentou

As forças de Vladimir Putin fizeram o maior ataque aéreo deste ano contra a Ucrânia entre a tarde de quarta-feira (15) e a manhã desta quinta (16), deixando ao menos 17 mortos no país invadido em fevereiro de 2022.

O foco da ação, uma das mais intensas de todo o conflito, foi em Kiev, Dnipro e Odessa, mas 26 localidades em todo o país foram atingidas. Os russos empregaram 659 drones, dos quais os ucranianos disseram ter abatido 636, e 44 mísseis, 31 derrubados.

O maior número de mortos foi registrado em Odessa, que é o principal porto do país. Ao menos nove pessoas morreram quando mísseis atingiram prédios residenciais. Na capital, ao menos quatro pessoas morreram, inclusive uma criança de 12 anos, e grandes incêndios eram combatidos ainda na manhã desta quinta.

Mantendo sua guerra assimétrica, o governo de Volodimir Zelenski atacou com drones o terminal petrolífero russo de Tuapse, no mar Negro, matando ao menos duas pessoas e deixando um grande incêndio.

Kiev tem direcionado suas ações contra a infraestrutura energética russa para tentar remover a vantagem que a crise no Oriente Médio deu a Vladimir Putin.

Desde que Estados Unidos e Israel atacaram o Irã no fim de



Reuters/Folhapress

Com foco global no Irã, Moscou viu receita com óleo mais que dobrar na crise atual

fevereiro, o aumento no preço do petróleo e do gás favoreceu a Rússia, grande produtora que viu sanções contra suas vendas temporariamente removidas para tentar estabilizar o mercado.

Segundo relatório divulgado na quarta pela AIE (Agência Internacional de Energia), a receita russa com óleo subiu de US\$ 9,7 bilhões em fevereiro, o menor nível desde a invasão da Ucrânia, para US\$ 19 bilhões em março, com o barril vendido com desconto por Moscou para clientes como a China passando de US\$ 46 para US\$ 78.

Isso deu um alívio momentâneo à grave situação fiscal russa,

que registrou um déficit de US\$ 60 bilhões no começo do ano. De forma inusual, o próprio Putin cobrou sua equipe econômica em uma reunião televisionada na quarta. “Como vamos reverter isso?”, disse.

Segundo a AIE, os ataques concentrados pela Ucrânia no sistema energético russo limitaram a capacidade de exportação de Moscou, mas por ora são apenas atrasos nos embarques.

O relaxamento das sanções pelos EUA expiraram no sábado (11) e não foi renovado, mas os preços do petróleo seguem altos mesmo com o cessar-fogo vigente e precário no Irã.

Como a Folha de S. Paulo

mostrou, o foco global no Oriente Médio foi acompanhado por um aumento na violência na guerra europeia. As semanas posteriores ao início do conflito no Irã registraram o maior número de ataques e batalhas na Ucrânia e na Rússia.

Segundo o monitor da ONG americana Aclad (Projeto de Localização de Conflitos Armados e Dados de Eventos, no acrônimo em inglês), desde então a linha dos 2.000 incidentes semanais foi rompida, com crescimento de lado a lado, com a evidente vantagem numérica para os russos.

Ambos os rivais buscam vender vitórias pontuais no campo de bata-

lha. A Rússia anunciou ter tomado nesta quarta mais uma cidade no leste ucraniano, e na véspera Zelenski havia dito ter recuperado em março 50 km2 de território ocupado.

O presidente da Ucrânia também propagandeou o que teria sido a primeira conquista militar feita a partir de ataque com drones e robôs terrestres da história, mas especialistas lançaram dúvida sobre a afirmação, feita sem apresentação de evidências.

Tanto Ucrânia como Rússia empregam robôs terrestres em apoio a tropas, mas são basicamente pequenos blindados automatizados, distantes da fantasia usual da cinesérie “O Exterminador do Futuro”. Mas poucos analistas questionam que, assim como ocorreu com os modelos aéreos, uma revolução está a caminho.

Com a atenção mundial no Oriente Médio, as negociações na Europa foram esquecidas. Nesta semana, Donald Trump até falou que a guerra na Ucrânia logo estaria resolvida, mas foi com a ligeireza usual.

Um importante negociador russo, Kirill Dmitriev, esteve recentemente nos EUA, mas o Kremlin disse que isso não significava a reabertura das conversas que haviam sido iniciadas no começo do ano com mediação americana, interrompidas pelo conflito no Irã.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Mundo não pode voltar à lei da selva, diz Xi sobre guerra de Trump

Em um dos comentários mais duros acerca da crise no Oriente Médio, o líder chinês, Xi Jinping, disse que não se pode “permitir que o mundo volte à lei da selva” ao comentar as ações do presidente Donald Trump contra o Irã.

Ele recebia em Pequim o príncipe herdeiro de Abu Dhabi, xeque Khaled bin Mohamed bin Zayed al-Nahyan. Os Emirados Árabes Unidos foram o país mais bombardeado pelo Irã na retaliação durante as cinco semanas de conflito iniciado por Estados Unidos e Israel contra o a teocracia.

Xi, que comanda a principal rival estratégica dos EUA, divulgou um plano genérico defendendo a paz na região, que vive um cessar-fogo frágil, estabelecido há uma semana.

Segundo os princípios apresentados, a paz precisa de quatro pontos: coexistência pacífica, soberania, proteção ao Estado de Direito

e desenvolvimento conjunto. Nada prático em relação aos pontos neurálgicos da disputa atual, como se vê, como o destino do programa nuclear de Teerã.

Ainda assim, a citação à lei da selva foi direcionada a Trump. “O Estado de Direito não pode ser usado quando é conveniente e descartado quando não é”, disse o líder chinês, que antes da guerra tinha no Irã o terceiro maior fornecedor de seu petróleo, atrás de Rússia e Arábia Saudita.

Embora tenha confortáveis reservas de óleo e gás para passar pela instabilidade, Xi vê com preocupação o bloqueio imposto por Trump ao trânsito de navios indo e vindo de portos iranianos, que passou a valer na segunda (13).

A chancelaria em Pequim afirmou que a restrição é “irresponsável e perigosa”, e pediu a reabertura de vias normais de navegação na região.

A negociação direta entre EUA e Irã no Paquistão não avançou, mas há a possibilidade de ser retomada ainda nesta semana ou na próxima, quando expira o cessar-fogo.

A medida surtiu efeito de limitar ainda mais o tráfego pela região, que antes da guerra via diariamente cerca de 140 embarcações passando pelo estreito de Hormuz, número que caiu a 10% após o conflito.

Segundo o serviço MarineTraffic, da consultoria britânica Kpler, ao menos seis navios transitaram pelo estreito de Hormuz, o gargalo que o Irã controla e sobre o qual instalou uma rota de pagamento de pedágio ilegal, na segunda depois do bloqueio.

Elas não estavam sob as restrições do embargo, que é policiado por destróieres americanos na saída de Hormuz, que liga o golfo Pérsico ao de Omã e, dali, os oceanos. Duas aparentemente haviam descarregado produtos em portos iranianos,

então ficaram sob a janela dada pela Marinha dos EUA para sair da área.

Mas outros dois navios estavam sob sanções ocidentais devido a negócios passados com petróleo iraniano, e um deles era chinês - justamente o único que rumou no sentido do oceano Índico. O Rich Star levava 250 mil barris de metanol, segundo a consultoria Kpler, embarcados nos Emirados.

O Comando Central das Forças Armadas dos EUA, que cobre o Oriente Médio, disse que nenhum navio furou o bloqueio. Mas não está certo a que os militares se referiam. Ao Wall Street Journal, autoridades disseram que talvez 20 embarcações tenham transitado por Hormuz, mas sem violar a medida.

Aqui a guerra de narrativas de lado a lado é colocada à prova. Trump chegou a dizer que iria abordar quaisquer navios que tivessem aceitado pagar o pedágio iraniano na rota que passa pelas águas territoriais de Teerã - o caminho usual está obstruído por minas.

O Irã, por sua vez, já disse que não cobraria o pedágio de países

aliados. Assim, fica incerta a situação do Rich Star, mas tudo indica que ele passará incólume em seu caminho para a China.

Em outro ponto de conflito potencial, os EUA estão deslocando ao menos dois navios caça-minas do Pacífico para o Oriente Médio, supostamente para trabalhar na área que o Irã disse ter colocado os explosivos.

Teerã já disse que qualquer belonave na sua vizinhança será vista como hostil e como uma violação da trégua, ameaçando fazer uso de seu arsenal de mísseis de cruzeiro antinavio e drones. Já Trump falou que ameaças navais à sua Marinha serão “eliminadas”.

Nesse jogo de quem pisca primeiro, os EUA anunciaram um mal explicado trânsito de dois destróieres por Hormuz no fim de semana, supostamente para trabalhar contra as minas. Ainda que tenham sensores eficazes, esses navios não são desenhados para desabilitar esse tipo de armamento, e não há como saber por onde de fato passaram.

Por Igor Gielow (Folhapress)